

REISADO DO CONGO

THALITA GABRIELLE MOURA

Pequenos Guerreiros louvam os Santos Reis do Oriente no ritual centenário das folias, mascaradas e pastoris. Eles se transformam em embaixadores, rei, rainha, príncipe e princesa, liras, galantes e mais uma porção de personagens que compõem os cordões desse entrelaçado histórico que se chama Reisado.

Da lírica ibérica nos chegaram as encenações medievais que faziam alusão à ida dos Três Reis Magos em visita ao menino Jesus, orientados pela estrela de Belém. Melchior, Baltazar e Gaspar levavam incenso, ouro e mirra para presentear o pequenino. O historiador francês Émile Mâle encontrou relatos de que Francisco de Assis, em Creccio (Itália), concebeu a representação da cena da natividade (presépio), que se difundiu para toda a cristandade através das representações e paraliturgias.

O que designamos de Reisado é uma dança, brincadeira, teatro popular, cortejo ou mesmo uma opereta, apresentado como uma manifestação cultural tipicamente brasileira. Acontece no intervalo da véspera de natal ao dia 6 de Janeiro, podendo os grupos se apresentarem livremente também pelo resto do ano.

Poder-se-á encontrá-lo também com os nomes de Folia de Reis, Terno de Reis, Festa de Santo Reis, e sob grande diversidade pelo território nacional. No Ceará, Oswald Barroso o catalogou três categorias: Reisado de Caretas, de Baile e de Congo. Este último é o que aparece mais frequentemente na cidade de Fortaleza, e o que está sendo brincado pelo grupo que ilustra estas páginas: o Reisado Nossa Senhora da Saúde.

O Reisado de Congo é assim designado pela sua origem na celebração que coroava os reis africanos que viviam no Brasil, conhecida no Ceará como Congo. Desse bailado surgiram outras manifestações folclóricas, como o Maracatu, os Cucumbis e as Congadas. Ligadas às Irmandades de Homens Pretos, era dentro das igrejas que aconteciam as coroações destes reis, escolhidos anualmente para representar a classe de escravos e negros forros. O dia 6 de janeiro era comum ser dia de folga, folgança, folguedo.

Representando uma corte de características ocidentais, enfeitados de lantejoulas, fitas, tecidos laminados, roupas coloridas, os brincantes mesclam as coroações que aconteciam na Angola e no Congo com os episódios bíblicos cristãos, a exemplo das batalhas entre cristãos e mouros – cena indispensável do Reisado de Congo. Assistir a

este espetáculo é viver ancestralidades, misturas étnicas, multiculturalidades e se lançar numa brincadeira que apresenta sujeitos muitas vezes anônimos ao mundo da arte. Sobre eles, escreveu sabiamente Oswald Barroso, em sua obra “Reis de Congo: teatro popular tradicional”:

Quem são esses homens
de tez encardida
e passos graciosos?
Quem são esses magos
de magras figuras
e riso na boca?
Quem são esses reis
sem níquel no bolso
mas fartos de festa?

Deviam se maldizer e dançam.
As cabeças erguem hirtas
feito hóstias consagradas.
Brincam com o nunca visto
e põem pra ninar o espanto.
A dor arrastam maneira
como um arado sonâmbulo
riscando o ar de figuras.

Moradores de localidades onde a especulação imobiliária muitas vezes designou como periferia, eles habitam uma demarcação maior: a comunidade. Os laços coletivos, solidários, mantidos no campo extra-espetáculo sustentam os integrantes no grupo. No Reisado Nossa Senhora da Saúde, aquela que conduz e orienta é a Mestre Kátia Juliana. Além de ser quem tange o Reisado, ocupa também papel importante na vida dos meninos.

Na casinha localizada no Grande Mucuripe, onde ela mora, reúnem-se principalmente crianças e jovens da localidade, e também dos arredores do Castelo Encantado. Na residência onde antes foi a pastoral da criança, e já ajudou a salvar a vida de centenas

de bebês desnutridos, hoje ajuda a recuperar a auto-estima e dar visibilidade aos brincantes.

Marcos Antônio de Sousa, de 60 anos, é o cômico personagem Mateus, provável rei negro destronado que vive de peripécias. Ele trabalhava na pastoral, e junto ao Cordão de Caroá, projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), e com o apoio do Serviço Social do Comércio (Sesc), fundou o Reisado Nossa Senhora da Saúde. A família Sousa é composta de Marcos, Juliana e Socorro (chamada carinhosamente de Mãe Help), mas o Reisado faz deles uma família muito maior.

Muitas vezes distante dos centros culturais, teatros e museus, os grupos de cultura popular são a oportunidade de meninos e meninas vivenciarem a atividade e fruição

artística. Eles também possibilitam que eles se desloquem para outros bairros, cidades e até estados. No dia de reis de 2018, por exemplo, o Reisado Saúde (como é carinhosamente chamado) se apresentou na Paróquia São Pedro e São Paulo, no bairro Quintino Cunha, e aglomerou um bom número de pessoas, que se juntaram ao grupo para brincar e dançar Reis.

SOBRE A AUTORA:

Thalita Gabrielle Moura: Jornalista pela Universidade Federal do Ceará. Estuda Teatro no Instituto Federal do Ceará.











